



## Contexto familiar e a saúde mental de adolescentes da educação básica em tempos de pandemia da COVID-19

Family context and mental health of elementary school adolescents during the COVID-19 pandemic

Contexto familiar y salud mental de adolescentes de primaria durante la pandemia de COVID-19

Edite Lago da Silva Sena<sup>1\*</sup>, Emanuelle Silva Souza<sup>1</sup>, Vanessa Meira Maia<sup>1</sup>, Thainan Alves Silva<sup>1</sup>, Leila Grazielle de Almeida Brito<sup>1</sup>, Gabriel Magalhães Cairo<sup>1</sup>, Lúcio Silva Sena<sup>2</sup>, Lícia Marques Vidal<sup>3</sup>, João Florencio Damasceno Neto<sup>3</sup>, Patricia Anjos Lima de Carvalho<sup>1</sup>

### RESUMO

**Objetivo:** Compreender o contexto familiar e suas repercussões na saúde mental de adolescentes inseridos na educação básica, em tempos de pandemia da COVID-19. **Métodos:** Investigação, de natureza qualitativa, fundamentada na fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty realizada com 11 adolescentes de um município do interior da Bahia, por meio de entrevistas fenomenológicas, que foram transcritas na íntegra e analisadas à luz da Técnica Analítica da Ambiguidade. **Resultados:** Emergiram experiências ambíguas nos adolescentes, revelando simultaneamente o desejo de sair e retomar a escola, e a aceitação do recolhimento e da solidão. As narrativas evidenciaram os desafios de lidar com alterações de rotina, isolamento social e reorganização da vida cotidiana, assim como o papel central da convivência familiar na promoção ou fragilização da saúde mental. **Conclusão:** Entre gestos, silêncios e pequenas ações cotidianas, os adolescentes demonstraram estratégias de enfrentamento, ressignificação do tempo e cuidado consigo mesmos e com o outro, destacando a importância de uma escuta sensível e humanizada. O estudo aponta para a necessidade de intervenções integradas que valorizem a singularidade das experiências adolescentes no contexto familiar.

**Palavras-chave:** Adolescentes, Família, Saúde mental, Fenomenologia, COVID-19.

### ABSTRACT

**Objective:** To understand the family context and its impact on the mental health of adolescents enrolled in basic education during the COVID-19 pandemic. **Methods:** Qualitative research, based on Maurice Merleau-Ponty's phenomenology, conducted with 11 adolescents from a city in the interior of Bahia, through phenomenological interviews, which were transcribed verbatim and analyzed using the Ambiguity Analysis Technique. **Results:** Ambiguous experiences emerged in the adolescents, revealing simultaneously a desire to leave and return to school, and an acceptance of seclusion and solitude. The narratives highlighted the challenges of dealing with changes in routine, social isolation, and the reorganization of daily life, as well as the central role of family life in promoting or undermining mental health. **Conclusion:** Through gestures,

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié - BA.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), Poços de Caldas - MG.

<sup>3</sup> Secretaria Municipal de Saúde de Jequié (SMS-Jequié), Jequié - BA.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), iniciação científica, nº termo BOL1325/2022

silences, and small everyday actions, the adolescents demonstrated coping strategies, redefining time, and caring for themselves and others, highlighting the importance of sensitive and humane listening. The study highlights the need for integrated interventions that value the uniqueness of adolescent experiences in the family context.

**Keywords:** Adolescents, Family, Mental health, Phenomenology, COVID-19.

---

## RESUMEN

**Objetivo:** Comprender el contexto familiar y su impacto en la salud mental de adolescentes matriculados en educación básica durante la pandemia de COVID-19. **Métodos:** Investigación cualitativa, basada en la fenomenología de Maurice Merleau-Ponty, realizada con 11 adolescentes de una ciudad del interior de Bahía, mediante entrevistas fenomenológicas, que fueron transcritas textualmente y analizadas mediante la Técnica de Análisis de Ambigüedad. **Resultados:** Surgieron experiencias ambiguas en los adolescentes, revelando simultáneamente un deseo de salir y regresar a la escuela, y una aceptación del aislamiento y la soledad. Las narrativas destacaron los desafíos de lidiar con los cambios en la rutina, el aislamiento social y la reorganización de la vida cotidiana, así como el papel central de la vida familiar en la promoción o el deterioro de la salud mental. **Conclusión:** A través de gestos, silencios y pequeñas acciones cotidianas, los adolescentes demostraron estrategias de afrontamiento, redefiniendo el tiempo y el cuidado de sí mismos y de los demás, destacando la importancia de la escucha sensible y humana. El estudio destaca la necesidad de intervenciones integradas que valoren la singularidad de las experiencias de los adolescentes en el contexto familiar.

**Palabras clave:** Adolescentes, Familia, Salud mental, Fenomenología, COVID-19.

---

## INTRODUÇÃO

Este estudo lança luz sobre as vivências ambíguas de adolescentes da educação básica durante a pandemia de Coronavírus Disease (COVID-19), atravessadas pela intensificação da convivência familiar. Sua relevância está em contribuir para a ciência, fomentando reflexões e estratégias de promoção da saúde mental desse grupo e de suas famílias.

Embora a letalidade entre adolescentes tenha sido menor que em adultos e idosos, impôs-se a necessidade de uma aproximação fenomenológica com o vivido e seus efeitos no existir compartilhado. Compreender as repercussões psicossociais da pandemia nos lares onde habitam, sentem e sofrem tornou-se tarefa ética, sobretudo em contextos de vulnerabilidade ao adoecimento emocional (BRASIL, 2020b; PANDA PK, et al., 2021).

Pesquisas evidenciam que a pandemia tensionou as relações familiares e a saúde mental de adolescentes (ALMEIDA RS, et al., 2020; TRINDADE A, 2020). O confinamento, o distanciamento social e a reorganização abrupta da vida cotidiana desencadearam estresse, ansiedade e sofrimento, prolongados inclusive no pós-pandemia (PANDA PK, et al., 2021). Os dados aqui apresentados dialogam com investigações nacionais e internacionais que confirmam tais implicações (ZHANG Y, et al., 2020; YEASMIN S, et al., 2020; DUAN L, et al., 2020; SANTOS KAM, et al., 2022; CAMARGO AP e FERNANDES ADS, 2023).

A transição repentina para o ensino remoto exigiu dos estudantes adaptação intensa e, muitas vezes, solitária. Alterações de rotina afetaram diretamente o equilíbrio entre saúde e sofrimento mental, sendo o cuidado (ou sua ausência) determinante no engajamento e desenvolvimento escolar (SILVA PLS e AZEVEDO GX, 2022).

O fenômeno, amplamente descrito em estudos, teve início em dezembro de 2019, com a emergência do coronavírus em Wuhan, China, e a declaração de pandemia pela OMS em março de 2020 (ORNELL F, et al., 2020). Altamente transmissível, a COVID-19 apresentava sintomas gripais que podiam evoluir para pneumonia (BRITOSBP, et al., 2020; ISER BPM, et al., 2020; BRASIL, 2020a).

As medidas de enfrentamento — distanciamento social, uso de máscaras, higiene das mãos e isolamento domiciliar — foram essenciais, mas impactaram a saúde mental da população (BRASIL, 2020c; BARROS MBA, et al., 2020; MALTA DC, et al., 2020). Nesse contexto, a família assumiu papel central. Com escolas e cuidadores afastados, os lares tornaram-se espaços exclusivos de cuidado, por vezes marcados por solidão ou violência (PALUDO SS, et al., 2020).

A intensificação das demandas domésticas e emocionais gerou sobrecarga e ameaçou o bem-estar de crianças e adolescentes (SANTOS KAM, et al., 2022). O Ensino Remoto Emergencial (ERE) interrompeu experiências escolares fundamentais, lúdicas, esportivas, sociais e de acesso a serviços básicos, ampliando fragilidades (CUNHA LFF, et al., 2020; GOMES AD et al., 2021). Sem suporte institucional, pais, mães e educadores precisaram reinventar modos de lidar com sofrimentos cotidianos (GOMES AD, et al., 2021).

Diante disso, emergiu a questão: como adolescentes inseridos na educação básica descrevem suas vivências em contexto familiar durante a pandemia da COVID-19 e as possíveis repercussões desse contexto em sua saúde mental? Assim, sob uma perspectiva qualitativa e fenomenológica, o objetivo consistiu em compreender o contexto familiar e suas repercussões na saúde mental de adolescentes inseridos na educação básica, em tempos de pandemia da COVID-19.

## MÉTODOS

Trata-se de pesquisa qualitativa, ancorada na fenomenologia da percepção de Maurice Merleau-Ponty, vinculada ao projeto de iniciação científica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, parte do estudo maior “Saúde mental da família em seu ciclo vital no contexto da pandemia de COVID-19”.

Inspirados pela fenomenologia da percepção, tomamos como premissa o retorno às experiências vividas tal como se mostram na concretude do existir, reconhecendo que o sentido dos fenômenos se dá na relação entre sujeitos, no entrelaçamento dos corpos e no tempo das vivências (MERLEAU-PONTY M, 2018).

O estudo foi realizado em uma escola pública de ensino fundamental II, em município do interior da Bahia, por se tratar de espaço cotidiano de adolescentes marcados por ressignificações no período pandêmico. Como aproximação inicial, realizou-se uma Roda de Terapia Comunitária Integrativa (TCI), prática dialógica reconhecida como tecnologia de cuidado e escuta (BARRETO AP, 2005), que possibilitou acolhimento, expressão afetiva e desvelo das vivências.

Após a TCI, foram apresentados os objetivos da pesquisa, convidando os estudantes a participar. Os interessados receberam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), destinado aos responsáveis.

Participaram 11 adolescentes, entre 12 e 15 anos, regularmente matriculados durante o período da coleta. Critérios de inclusão: vivência da pandemia em contexto familiar. Foram excluídos os que não atenderam a esses critérios ou não devolveram os termos assinados.

As descrições vivenciais foram produzidas por entrevistas fenomenológicas, compreendidas como encontros intersubjetivos em que o sentido emerge no ato de narrar (PAULA CC, et al., 2014). Conduzidas individualmente em ambiente reservado da escola, entre novembro e dezembro de 2022, duraram de 15 a 30 minutos, sendo gravadas em áudio mediante autorização. O roteiro incluiu caracterização dos participantes e temas disparadores alinhados ao objetivo do estudo.

A análise seguiu a Técnica Analítica da Ambiguidade (SENA ELS, et al., 2010), fundamentada na fenomenologia merleau-pontyana, que reconhece a ambiguidade como constitutiva da experiência e busca compreender sentidos que emergem da intercorporeidade em campo compartilhado de significações.

Todos os critérios éticos foram respeitados conforme a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (parecer nº 5.481.026 e CAAE nº 55226021.0.0000.0055).

Para preservar o anonimato, foram atribuídos os codinomes: Participante 1; participante 2; participante 3; participante 4; participante 5; participante 6; participante 7; participante 8.

## RESULTADOS

A compreensão das descrições vivenciais dos adolescentes, realizada sob a lente da Analítica da Ambiguidade, permitiu revelar sentidos que transcendem o imediato e emergem na interseção entre corpo vivido, relação familiar e mundo pandêmico. Deste modo, emergiram duas categorias empíricas com suas respectivas subcategorias, as quais expressam as nuances e tensões da experiência adolescente no contexto da pandemia.

### **Categoria 1 - Coexistência do sensível e do reflexivo na (con)vivência do adolescente e sua família na pandemia da COVID-19**

Segundo o pensamento de Merleau-Ponty, acerca da percepção, o ser humano vive em constante experiência ambígua, na qual coexistem as vivências do sentir e do pensar, isto é, do sensível e do reflexivo. Uma vez que a Analítica da Ambiguidade se assenta nessa compreensão merleau-pontyana, a leitura primorosa das descrições dos adolescentes fez ver diversas ambiguidades, especialmente no processo de (con)vivência familiar, as quais buscamos ilustrar desdobrando a categoria nas duas subcategorias que se seguem:

#### **Subcategoria 1 - Ambiguidade na (con)vivência familiar: ao mesmo tempo que se pensa estar acompanhado, sente-se sozinho**

A subcategoria revela que, embora seja natural pensar que, o fato de estar em família significa estar com a família, é possível sentir-se distante estando no seio familiar. Como toda experiência perceptiva, a expressão de adolescentes sobre a (con)vivência familiar durante a pandemia revelou a ambiguidade entre o querer e o ter que estar em família. Por um lado, desejavam sair, ir à escola, estar na companhia dos amigos, ter a liberdade de ir e vir; por outro, reconheciam a necessidade de ter que ficar em casa e a obrigatoriedade de interagir apenas com os familiares. Assim, alguns depararam-se com a solidão, mesmo estando entre familiares. Vejamos a descrição de uma adolescente:

*“Foi muito complicado, porque tivemos que deixar de ir para a escola, ficar muito em casa, e ter que conviver mais com a família”. (Participante 1)*

A descrição seguinte, da mesma adolescente, corrobora a ambiguidade vivenciada em sua (con)vivência familiar. Embora perceba a presença física dos membros da família, a adolescente sente solidão devido ao pouco envolvimento dos pais em ouvir "o que realmente está acontecendo" com ela. Essa necessidade de comunicação e de ser ouvida é fundamental para promover a troca afetiva e a companhia mútua. Com essa ausência, a adolescente relata que sua saúde mental e a de sua irmã foram afetadas.

*“Acho que não foi muito bom, meu pai ficava muito ocupado com o trabalho, e minha mãe atendendo as pessoas que iam comprar coisas lá em casa. A gente não tinha tempo para falar sobre o que estava acontecendo; literalmente, a gente guardava para si, e o psicológico da gente não estava bom, porque a gente não desabafava com ninguém, guardava tudo para si, então, era muito complicado”. (Participante 1)*

Outra adolescente faz ver sua ambiguidade quando descreve a vivência de “super” afastamento da família, especialmente de sua mãe, embora coabitando no mesmo espaço. Ao mesmo tempo, faz referência às aproximações ocorridas com o pai e a irmã mais velha.

*“Foi um ano muito difícil! Me afastei super da minha família, por mais que a gente tivesse junto, eu me afastei super da minha mãe, e até hoje eu sou próxima dela, mas não tanto quanto antes. Eu me afastei super, mas me aproximei da minha irmã mais velha, porque ela não morava conosco, mas na pandemia ela veio passar com a gente, me aproximei dela, mas me afastei muito da minha mãe, de todo mundo [...] E meu pai, eu nunca fui tão próximo dele, para contar tudo, mas é uma pessoa que me entende, só que bem longe”. (Participante 2)*

## **Subcategoria 2 - Ambiguidade na (con)vivência familiar: reflexivamente, estar em família representa algo “bom”, saudável; porém, na dimensão sensível, pode significar sofrimento**

A subcategoria revela o entrelaçamento das dimensões da percepção, qual seja, o pensar e o sentir, e vice-versa. Alguns adolescentes relataram as repercussões do contexto pandêmico nas relações intrafamiliares, já que o distanciamento social limitou o contato físico com amigos e familiares fora do lar. Embora os adolescentes esperassem prazer e satisfação ao lado da família, muitas vezes vivenciaram estranhamento, desconforto e solidão. Na descrição seguinte podemos perceber a vivência ambígua de um adolescente. Por um lado, ele considera a (con)vivência em família proveitosa; por outro, ele a considera tediosa, pois, não obstante estivesse em família, era como se não estivesse, e isto lhe causava sentimento de tristeza. Conforme ilustra a descrição:

*“Ao mesmo tempo que foi bom, foi meio chato, porque, pelo fato de a gente jogar muita conversa fora, depois já não havia mais o que conversar, e todo mundo ia para um canto e ficava com a cara fechada, aí não falava mais nada, ficava aquela coisa quieta, estranha”.* (Participante 3)

Outro adolescente, ao ser-lhe solicitado que falasse sobre a convivência familiar durante a pandemia, relatou a sua preferência por estar sozinho, portanto, não se agradava do estar com a família.

## **Categoria 2: vivência ambígua do adolescente na pandemia de COVID-19 e a porta semiaberta pela família**

Esta categoria revela as vivências dos adolescentes durante a pandemia de COVID-19, destacando a intensa convivência familiar. As descrições mostram que a pandemia levou os adolescentes a desenvolver um novo olhar para o mundo, valorizando a vida e a convivência familiar.

### **Subcategoria 1 - Ambiguidade na vivência do adolescente: a família como dois lados da moeda**

Nesta subcategoria, a família surge como um importante apoio para os adolescentes durante a pandemia. Reconhecendo a gravidade do momento, eles destacam como a convivência familiar os ajuda a desenvolver resiliência e enfrentar dificuldades, além de expressar sua necessidade de acolhimento e escuta sensível por parte dos familiares. Vejamos na seguinte fala:

*“Foi até boa essa experiência, porque a gente teria que ver pelo menos um lado difícil na vida, como diz minha mãe: a vida não é bela, não é morango, então, a vida é cheia de surpresa, a gente tem que saber lidar com isso”.* (Participante 5)

*“Minha família foi boa, mas me lembro que tivemos fases ruins, porém foi boa, que reuniu mais, se conheceu melhor, com muitos outros, e aí teve certa proximidade”.* (Participante 6)

Entretanto, alguns adolescentes realçam o outro lado da moeda vivido com os familiares quando a pandemia da COVID-19 alterou a rotina e as relações entre os membros da família se intensificaram, contexto que caracterizou o domicílio como um ambiente estressor e conflituoso, capaz de gerar frustrações e desejo dos filhos de evadirem da casa dos pais. Vejamos nas falas a seguir:

*“Meu pai e minha mãe andavam brigando muito, então, era difícil para mim e para as minhas irmãs, [...] qualquer coisa ela (a irmã menor) falava que não aguentava mais, que ia fugir de casa. Eu também pensei em fugir de casa, mas, de qualquer jeito, eu tive que ficar por causa da minha irmã especial, ela é muito apegada a mim, é a minha irmãzinha, por isso, eu fico mais em casa e fico mais isolada, mas no contexto familiar, foi fácil e foi difícil, por causa das brigas deles”.* (Participante 7)

## **DISCUSSÃO**

As medidas de distanciamento físico-social e o fechamento das escolas, em decorrência da pandemia da COVID-19, provocaram repercussões significativas na vida de adolescentes, interferindo diretamente nos

processos de escolarização, socialização e nas dinâmicas familiares, intensificadas pelo convívio prolongado em casa (CABRAL CS, et al., 2023).

Na perspectiva de Winnicott DW (1987), a adolescência é atravessada por um movimento ambíguo entre dependência e autonomia. É um tempo liminar, no qual o sujeito passa a responsabilizar-se por seus próprios atos, ao mesmo tempo em que precisa elaborar sua separação simbólica da família, cujas condutas e imaginários moldaram seu modo de ser. Ainda assim, essa separação exige um “ambiente suficientemente bom”, ou seja, um espaço de continuidade afetiva e confiabilidade, onde a família mantenha o interesse pelo adolescente, mesmo diante das rupturas necessárias (WINNICOTT DW, 2000).

Essa complexidade relacional se acentuou durante o contexto pandêmico. Um estudo com adolescentes do Nordeste brasileiro revela experiências distintas, enquanto alguns vivenciaram um distanciamento afetivo familiar, outros relataram um processo de (re)aproximação, motivado pelo tempo compartilhado (SANTOS KAM, et al., 2022). Tais ambiguidades reforçam a importância de compreender a convivência familiar como fenômeno vivido e não apenas estruturado em categorias fixas.

Nos primeiros meses da pandemia, a literatura já sinalizava um aumento significativo de sintomas como estresse, ansiedade e depressão entre adolescentes (MILIAUSKAS CR e FAUS DP, 2020). Com o fechamento dos espaços de convívio social, como escolas, academias, shoppings e parques, muitos adolescentes passaram a recorrer com maior frequência aos jogos virtuais e redes sociais como forma de compensar a ausência dos pares (BALHARA YPS, et al., 2020).

O estar sozinho, não como solidão escolhida, mas como isolamento imposto, configurou-se como uma vivência silenciosa e prolongada, capaz de fragilizar psicologicamente o sujeito adolescente. A literatura já advertia para os riscos de adoecimento mental quando o confinamento se estende além do previsível (NEUMANN AL, et al., 2020). Daí a importância do papel da família enquanto espaço que pode (ou não) amenizar os efeitos dessa vivência.

Nesse contexto, atitudes de cuidado, como o diálogo aberto sobre a pandemia, mostram-se fundamentais, uma vez que o excesso de informações, especialmente quando não mediado por um adulto, se apresenta como fator de risco para o aumento da ansiedade (MILIAUSKAS CR e FAUS DP, 2020). No presente estudo, por exemplo, uma das participantes (Participante 1) relata que, em sua casa, não havia tempo para conversas sobre o que estava acontecendo, e que, diante do silêncio, a saúde mental foi afetada: “o psicológico não estava bom”. Aqui, o silêncio familiar não aparece como pausa fecunda, mas como ausência de escuta.

Por isso, compreender o modo como os vínculos são estabelecidos e mantidos nas famílias torna-se essencial para investigar os efeitos da pandemia sobre os adolescentes. Dependendo da qualidade desses vínculos e da capacidade de comunicação entre seus membros, a convivência pode representar cuidado ou descuido (BRASIL, 2017).

A adolescência, por sua vez, é também uma fase marcada pelo desejo de conexão e pertencimento. A expansão do mundo social e a formação de vínculos extrafamiliares são importantes para o amadurecimento e o bem-estar. Nesse ciclo vital, os pares ocupam um lugar fundamental, compartilhando afetos, experiências e valores. Ao mesmo tempo, há uma intensificação do desejo por privacidade e autonomia, o que se expressa, por exemplo, na busca por momentos a sós, no quarto ou em outros espaços que o adolescente identifica como “seu” (MARTELETO MRF e SCHOEN TH, 2020).

Mesmo diante da construção da autonomia, a família ainda é reconhecida como espaço de afeto, segurança e referência. Contudo, para que essa função se mantenha, é necessário que a família seja capaz de acolher a singularidade desse “outro” em formação, respeitando sua alteridade (PRATTA EMM e SANTOS MA, 2007).

A pandemia, ao sobrepor os processos já complexos da adolescência com o confinamento doméstico, intensificou tensões e afetos. Os adolescentes passaram a se perceber distantes dos grupos aos quais pertenciam, o que provocou sentimento de frustração, irritabilidade e tédio (OLIVEIRA WA, et al., 2020). Nesse sentido, o lar deixou de ser apenas um abrigo, revelando também suas fragilidades e desconfortos.

Ainda que o distanciamento social tenha revelado tais tensões, muitos adolescentes o vivenciaram também como momento de aproximação familiar. O estudo de Santos et al. (2022) mostra que, apesar das dificuldades, os adolescentes buscaram na família o apoio necessário para enfrentar a crise. Entretanto, os efeitos do confinamento variam significativamente conforme a funcionalidade da família. Adolescentes com relações familiares saudáveis demonstraram maior capacidade de enfrentamento dos desafios, ao passo que aqueles em contextos conflituosos ou negligentes se mostraram mais vulneráveis (ORBEN A, et al., 2020).

Apesar do papel protetivo que a família pode exercer, a pandemia também revelou sua face sombria. Muitos lares, em vez de abrigo, tornaram-se cenários de violência, física, sexual e psicológica. Dados apontam o aumento significativo desses casos durante o isolamento social, afetando diretamente a saúde mental de crianças e adolescentes (GADAGNOTO TC, et al., 2022).

Por outro lado, há registros de experiências animadoras emergentes da nova configuração familiar imposta pela quarentena. Para alguns, o confinamento permitiu o fortalecimento dos laços, por meio de maior diálogo e convivência entre pais e filhos (BINOTTO BT, et al., 2021).

Tais ambiguidades também foram evidenciadas em um estudo com 226 pais de adolescentes, que relataram simultaneamente a deterioração das relações e o aumento do estresse familiar, especialmente pela sobrecarga de tarefas e pela falta de momentos de lazer compartilhados (COSTANTINI M, et al., 2020).

Por fim, é importante considerar que os próprios pais também atravessaram experiências de sofrimento durante a pandemia. Questões relacionadas à saúde, finanças e sobrecarga emocional contribuíram para respostas que, muitas vezes, repercutiram negativamente o bem-estar de seus filhos adolescentes (COSTANTINI M, et al., 2020).

Desse modo, os achados desta pesquisa revelam que a experiência vivida pelos adolescentes no contexto familiar durante a pandemia da COVID-19 esteve marcada por ambiguidades, tensões e redescobertas. O espaço doméstico, ora vivido como refúgio, ora como cárcere, emergiu como cenário onde se intensificaram sentimentos de solidão, angústia e, por vezes, de amadurecimento precoce.

Ao mesmo tempo em que foram privados do convívio social escolar, os adolescentes foram convocados a elaborar sentidos outros sobre si, sobre os vínculos familiares e sobre a vida. Nessa perspectiva, compreendê-los sob a luz da fenomenologia permitiu acessar o mundo vivido desses sujeitos em sua concretude e complexidade, revelando a importância de se considerar a dimensão existencial e intersubjetiva nos diálogos sobre saúde mental na adolescência, sobretudo em situações de crise coletiva. Assim, faz-se necessário que o cuidado em saúde mental no espaço escolar se abra à escuta sensível das singularidades e ambivalências que compõem o existir adolescente.

## CONCLUSÃO

A travessia dos adolescentes durante a pandemia revelou ambiguidades, silêncios e reinvenções do existir, evidenciando uma convivência familiar ora marcada por proximidade e reencontros afetivos, ora por conflitos, solidão e necessidade de autonomia. As narrativas mostraram que, mesmo diante das rupturas provocadas pela COVID-19, os adolescentes mobilizaram estratégias de enfrentamento, resignificação e cuidado com a vida, apontando para a importância de uma escuta atenta e humanizada sobre sua saúde mental. Este estudo, ao iluminar sentidos da convivência familiar no período pandêmico, convoca educadores, profissionais da saúde, gestores e famílias a reconhecerem a singularidade dessas experiências e a fortalecerem ações integradas e sensíveis de promoção à saúde mental.

## AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pelo incentivo à ciência e à formação de jovens pesquisadores, por meio da concessão da bolsa de Iniciação Científica que viabilizou esta investigação, termo outorga nº BOL1325/2022. Ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que contribui de forma significativa para a qualificação de mestres e doutores, fortalecendo a pesquisa e o acompanhamento de estudos de iniciação científica.

**REFERÊNCIAS**

1. ALMEIDA RS, et al. Pandemia de COVID-19: guia prático para promoção da saúde mental de crianças e adolescentes. *Residência Pediátrica*, 2020; 10(2): 133-136.
2. Santos KAM, et al. Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes? *Ciência & Saúde Coletiva*, 2022; 27(1): 193-203.
3. BALHARA YPS, et al. Impact of lockdown following COVID-19 on the gaming behavior of college students. *Indian Journal of Public Health*, 2020; 64(6), 172-176.
4. BARRETO AP. Terapia comunitária passo a passo. In: *Terapia comunitária passo a passo*. 2005. 405p.
5. BARROS MBA. et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2020; 29(4).
6. BINOTTO BT, et al. Pandemia da Covid-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. *Psicologia e Saúde em Debate* 2021; 7(2): 195-213.
7. BRASIL OPAS. Folha informativa–COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). Organização Pan-Americana da Saúde, 2020a; (23).
8. BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz – Crianças na pandemia Covid-19. FIOCRUZ, 2020b.
9. BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria 1.565, de 18 de junho de 2020. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. 2020c.
10. BRASIL. Ministério da Saúde. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica. 2017.
11. BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*.
12. BRITO SBP, et al. Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. *Vigilância Sanitária em Debate* 2020; 8(2): 54-63.
13. CABRAL CS, et al. “A gente quer abraçar o amigo”: a pandemia de covid-19 entre adolescentes de baixa renda. *Revista de Saúde Pública*, 2023; 57(1): 5s.
14. CAMARGO AP, FERNANDES ADS. A vivência cotidiana das crianças durante a pandemia da Covid-19. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 2023; 31: e3581.
15. COSTANTINI M, et al. Response and role of palliative care during the COVID-19 pandemic: A national telephone survey of hospices in Italy. *Palliative Medicine*, 2020; 34(7): 889-895.
16. CUNHA LFF, et al. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, 2020; 7(3): 27-37.
17. DUAN L. et al. An investigation of mental health status of children and adolescents in China during the outbreak of COVID-19. *Journal of Affective Disorders*, 2020; 275(1): 112–118.
18. GADAGNOTO TC, et al. Repercussões emocionais da pandemia da COVID-19 em adolescentes: desafios à saúde pública. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 2022; 56.
19. GOMES AD, et al. Emoções manifestas por adolescentes escolares na pandemia COVID-19. *Research, Society and development*, 2021; 10(3): e47110313179-e47110313179.
20. ISER BPM, et al. Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2020; 29(3).
21. MALTA DC, et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 2020; 29(4).
22. MARTELETO MRF, SCHOEN TH. Meu filho tem medo: a incidência desta emoção em crianças e adolescentes. *Desenvolvimento da Criança e do Adolescente. Evidências Científicas e Considerações Teóricas-Práticas*. 1ªed. Guarujá-SP: Científica Digital, 2020; 1:638-650.
23. MERLEAU-PONTY M. Fenomenologia da percepção. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018; 662p.
24. MILIAUSKAS CR, FAUS DP. Saúde mental de adolescentes em tempos de Covid-19: desafios e possibilidades de enfrentamento. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 2020; 30.
25. NEUMANN AL, et al. Impacto da Pandemia por Covid-19 sobre a saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. 2. ed. Belo Horizonte (MG): Synapse, 2020; 56-66.

26. OLIVEIRA WA, et al. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. *Cadernos de Saúde Pública*, 2020; 36(8): e00150020.
27. ORBEN A, et al. The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. *Lancet Child Adolesc Health*, 2020; 4(8): 634-640.
28. ORNELL F. et al. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Debates em Psiquiatria*, 2020; 10(2): 12-16.
29. PALUDO SS, et al. Home is not always a safe place: A bioecological approach for the violence in pandemic time. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2020; 25(2): 222-231.
30. PANDA PK, et al. Psychological and Behavioral Impact of Lockdown and Quarantine Measures for COVID-19 Pandemic on Children, Adolescents and Caregivers: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Journal of Tropical Pediatrics*, 2021; 67(1): fmaa122.
31. PAULA CC, et al. Modos de condução da entrevista em pesquisa fenomenológica: relato de experiência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2014; 67(3): 468-472.
32. PRATTA EMM, SANTOS MA. Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 2007; 17(36).
33. SANTOS KAM, et al. Quais os significados sobre família em situação de pandemia para os adolescentes? *Ciência & Saúde Coletiva*, 2022; 27(1).
34. SENA ELS, et al. Analítica da ambiguidade: estratégia metódica para a pesquisa fenomenológica em saúde. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2010; 31(4): 769-775.
35. SILVA PLS, AZEVEDO GX. A transição do ensino presencial para o ensino remoto durante a pandemia da Covid-19. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 2022; 7(11): 68-91.
36. TRINDADE A. Manual de convivência na selva do lar. Escola da Vila, 2020.
37. WINNICOTT DW. Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
38. WINNICOTT DW. Privação e delinquência. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
39. YEASMIN S et al. Corrig end into “Impact of COVID-19 pandemic on the mental health of children in Bangladesh: A cross-sectional study”. *Children and Youth Services Review*, 2023; 152: 107028.
40. ZHANG Y, et al. Mental Health Problems during the COVID-19 Pandemics and the Mitigation Effects of Exercise: A Longitudinal Study of College Students in China. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2020; 17(10): 3722.